



A FORMA DO DIZER: O TESTEMUNHO RELIGIOSO NO JORNAL DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Wellton da Silva de Fatima¹

Este trabalho é um recorte de nossa pesquisa, em nível de mestrado, que está em andamento no programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFF por meio do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS). Ancoramo-nos na Análise de Discurso francesa que se fundamenta a partir dos estudos de Michel Pêcheux (2014 [1969]) na França e outros pesquisadores também no Brasil.

Especificamente para este trabalho, colocamo-nos a investigar os processos de produção, formulação e circulação dos sentidos no jornal *Folha Universal da Igreja Universal do Reino de Deus*. Consideramos, como fato de linguagem, a *forma do testemunho* – que se dá a partir dos relatos de si – materializada em algumas matérias do jornal nas quais comparecem sentidos sobre o gênero e sobre a sexualidade.

Nesse percurso analítico, problematizamos portanto, a maneira como o relato irrompe em um efeito de testemunho no/ a partir do religioso, inserindo-se, discursivamente, no estatuto da interpretação. O testemunho no/ a partir do religioso é, portanto, o problema de linguagem que recortamos para este trabalho.

Há, circunscrito ao domínio religioso – principalmente o protestante -, a prática do *testemunho religioso*. Tal prática se caracteriza enquanto uma forma da oralidade, um modo de dizer que se materializa durante o culto religioso. Dentre suas principais inserções na discursividade religiosa, destacamos o seu potencial de projetar, para toda a comunidade religiosa, a imagem de um fiel – o que testemunha – que vence, isto é, supera aquilo por que está passando.

É preciso salientar que o testemunho religioso supracitado diferencia-se do testemunho enquanto um falar urgente, tal como define Mariani (2016). Todavia, se, por um lado, tais práticas discursivas se diferenciam em seus objetivos – enquanto um pretende renovar a fé da comunidade religiosa, o outro se coloca a partir de um “não deixar esquecer” -, por outro lado, aproximam-se no que tange ao fato de o sujeito narrar a si mesmo.

Isso nos faz suspeitar que, embora o testemunho religioso não possa ser compreendido como um testemunho tal como é definido pela psicanálise, há um retorno da forma de dizer do testemunho sobre o testemunho religioso. Essa sobreposição das formas de se dizer atualizam o estatuto de interpretação daquilo que se diz, pois tal dizer se inscreve de um certo modo.

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pela UFF – CAPES/LAS. Orientadora: Prof. Dra. Bethania Mariani



Visando à reflexão que temos feito até aqui, transcrevemos algumas das sequências discursivas (SD) que temos trabalhado em nosso *corpus*. São elas:

SD1: “Eu tive que fazer o aborto, mas quase morri no procedimento, pois perdi muito sangue, fiquei fraca. Cheguei a manter relações sexuais com animais e praticava orgias com homens e mulheres”, diz. (Edição 1284, p.29, 13 a 19/11/2016)

SD2: “Minha vida estava uma desgraça, um vazio que não era preenchido com nada. Me prostituía com homens e mulheres, mentia muito e procurava a sensação do bem-estar, mas era tudo momentâneo’, recorda Karla.” (Edição 1278, p.29, 2 a 8/10/2016)

SD3: “Me recordo que as meninas me forçaram a ficar com um menino porque eu nunca havia beijado. Desde então comecei a ficar apavorada e o mal começou a agir na minha mente’, conta.” (Edição 1276, p.29, 18 a 24/09/2016)

SD4: “Me tornei uma pessoa complexada, me achava feia e me sentia muito insegura. Então resolvi ser diferente. Passei a me envolver com várias pessoas, inclusive com mulheres, para chamar atenção dos outros. Eu não sabia o meu valor.’, lembra.” (Edição 1274, p.29, 4 a 10/09/2016)

É necessário discernir, de início, essas duas práticas de testemunho que, imbricadas, ressoam no processo de significação que estamos investigando. Conforme dissemos, a primeira consiste no testemunho enquanto um falar urgente, que deriva da experiência do trauma; a segunda, embora possa parecer com a primeira, consiste no testemunho religioso que se dá pelo ato de contar a prova ou benção divina objetivando renovar a própria fé e a da comunidade religiosa.

O ponto crucial que os diferencia, para nós, é a recorrência do testemunho religioso no cotidiano do culto pelas igrejas, enquanto o testemunho é mais restrito na medida em que pressupõe que se tenha havido um trauma por parte do sujeito.

A partir dos escritos de Mariani (2016), a respeito do testemunho, temos compreendido, em nossos resultados parciais, o modo pelo qual o testemunho – nesse caso o religioso – se apresenta em sua forma: referimo-nos ao testemunho em sua forma material, mas também como forma (fôrma) em seu potencial de colocar o dizer em um determinado formato.

Interessa-nos a maneira como a fôrma do dizer pela qual se apresenta o relato de si no jornal, inscreve isso que está sendo dito em uma determinada rede de memória. Rede esta que se relaciona discursivamente como a renovação da fé da comunidade pelo relato de superação da experiência extrema de sofrimento.

Compreendemos aí que funciona uma memória (PÊCHEUX, 1999) no processo de significação do testemunho religioso que atualiza, também, a imagem daquele que narra a si próprio. Desse modo, o fiel que conta a experiência sofrida e superada é revestido – imagetivamente - pela



densidade daquele sofrimento contado a partir da prática testemunhal, na qual, aliás, não houve solução para o trauma vivido pelo sujeito.

As noções de imagem que citamos acima, dizem respeito às formações imaginárias de que trata Pêcheux (1995 [1975]). Isto é, o sujeito/fiel/leitor, ao ler o testemunho religioso materializado nas páginas do jornal da *IURD*, formula uma imagem para esse sujeito que narra sua experiência. No retorno da memória sobre a prática testemunhal, o que ocorre é que essa imagem se potencializa em direção a um sofrimento extremo, quase sem solução, não fosse pela intervenção divina – através da *Igreja Universal*.

Sendo o testemunho da ordem do memorável, tal como coloca Mariani (2016), ele se constitui na discursividade da *Folha Universal* como um dispositivo linguístico pelo qual se colocam em circulação os efeitos de sentido – de evidência – que caracterizam uma determinada modalidade de discurso religioso, a da *Igreja Universal do Reino de Deus*, através de seu jornal

Ainda de acordo com a autora, entendemos que “dar testemunho aponta para um falar urgente, para não esquecer e para um não deixar os outros esquecerem” (MARIANI, 2016, p. 51). Desse modo, consideramos que é a partir do testemunho que os efeitos de verdade pelos quais se fundamenta o ideal de renovação da fé se constituem e se apresentam para o leitor/fiel.

Interessa-nos, portanto, a forma do testemunho, isto é, seu atributo de enformar – colocar em uma fôrma – o dizer em uma sequência identificável, implicando o/no efeito de sentido que se constitui. E, nesse sentido, convocando para o processo de significação uma rede de memória que coloca aqueles dizeres sobretudo no patamar de verdade irrefutável, já que deriva da experiência vivida e, por isso, inequívoca.

Desse modo, por meio do conceito de efeito metafórico (PÊCHEUX, 2014 [1969]), temos proposto um movimento analítico que considera, em um efeito de memória, a tomada do testemunho religioso pelo testemunho no processo de leitura e interpretação dos dizeres do jornal. A metáfora transita, aqui, de “uma palavra pela outra” para “uma coisa pela outra”; sendo estas últimas coisas, as duas práticas de testemunho que temos confrontado.

O nosso objeto – o discurso religioso sobre o gênero e a sexualidade *desviantes* – materializa-se de modo disperso nos dizeres do jornal, engendrado em um processo discursivo mais amplo, que, por sua vez, está em relação com uma certa fragilidade do sujeito e de sua própria condição subjetiva em relação àquilo que o move.

Analisando, ainda que brevemente, as SD, observamos que ao relatar sua experiência, o sujeito que diz sua condição através da matéria do jornal, o diz de uma determinada forma. Temos tratado essas marcas do testemunho na formulação dos sentidos dos processos discursivos observando, por exemplo: na SD1, a experiência de quase morte; na SD2, o vazio existencial a ser



preenchido; na SD3, o pavor diante de ter que se igualar às práticas dos outros à força; e na SD4, o complexo de inferioridade.

É necessário salientar que o testemunho não é o nosso objeto principal, mas desempenha função importante no processo de significação da sexualidade. Observemos, então, que na dispersão do relato da experiência pessoal, os dizeres sobre o gênero e a sexualidade se inscrevem quase que imperceptivelmente aos olhos do leitor desatento. Todavia, a forma do testemunho o engendra e o dilui em um processo de significação mais amplo significando-os também no lugar da fragilidade emocional, do trauma, da experiência ruim a ser superada.

Resta dizer que essas SD, nas quais se presentificam os sentidos sobre as sexualidades *outras*² através dos relatos de experiência, foram recortadas da coluna Liberdade. Nessa coluna, é comum a narrativa da história de alguém que tenha passado por diversos acontecimentos compreendidos como negativos para si (e em alguns momentos para os outros), e que teve sua felicidade reestabelecida diante do encontro com a *Igreja Universal*.

Tendo em vista que a *Igreja Universal*, ao lançar-se às mídias (neste caso, o jornal) encontra-se ao menos avisada dos limites da liberdade em se dizer³, estamos compreendendo que ao falar de sexualidade, o jornal se constitui a partir de uma prática *cínica*. Isto é, inserido no cinismo como prática ideológica (BALDINI & NIZO, 2015), é a partir da experiência pessoal que se pode situar uma suposta bissexualidade, por exemplo, em um lugar negativo, sugerindo-se, dessa forma, a sua cura ao se encontrar com a igreja.

Uma questão ainda em aberto que ainda ressoa em nossa reflexão é: seria o testemunho religioso uma espécie de deriva – no que refere ao aspecto discursivo – do testemunho de que trata Mariani (2016). Para além de qualquer conclusão sobre isso, temos compreendido que essas duas práticas discursivas tem um ponto de encontro, o qual buscamos descrever e interpretar até aqui.

Para efeito de fechamento, consideramos que o testemunho se insere, portanto, discursivamente pela sua forma, investindo, nos dizeres que se materializam em seu interior, um simulacro – por meio do qual se inscreve um efeito de verdade -, a partir dos efeitos de sentido que se constituem entre igreja/jornal e fiel/leitor.

² As sexualidades *outras*, para nós, são aquelas que não se inscrevem em um padrão heteronormativo historicamente constituído, isto é, aquelas que fogem ao que se possa classificar, em uma dada formação social, como relação heterossexual.

³ Edir Macedo, o maior líder da igreja já sofreu diversos processos por práticas de estelionato e de curandeirismo.



REFERÊNCIAS

BALDINI, Lauro & NIZO, Patrícia. **O cinismo como prática ideológica**. Estudos de Língua(gem): Vitória da Conquista. v.3, n.2. p.131-158, 2015

MARIANI, Bethania. **Testemunho – um acontecimento na estrutura**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 12 - n. 1 - p. 48-63 - jan./jun. 2016. Disponível em:>> seer.upf.br/index.php/rd/article/view/5890 << Acesso em 15/08/2017 às 23:17h

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F. e HAK, T. (org.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux, Editora da Unicamp, 2014

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. In ACHARD, P. et al. O papel da memória. Pontes : Campinas. 1999

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975]